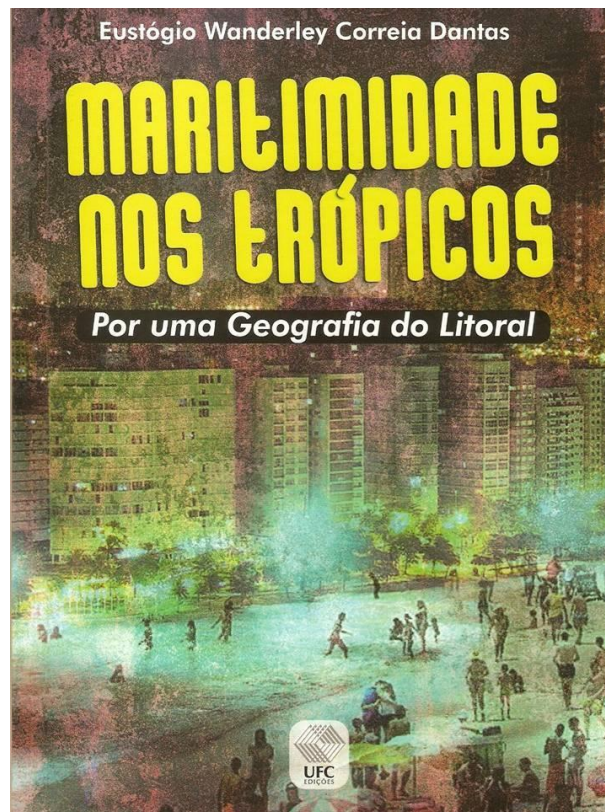


RESENHA

DANTAS, Eustógio Wanderly.
Maritimidade nos trópicos – por
uma geografia do litoral.
Fortaleza: Edições UFC, 2009.



Tadeu Alencar Arrais

Professor Adjunto – IESA – UFG
tadeuarrais@ibest.com.br

No livro *Ensaio sobre a urbanização latino-americana*, Milton Santos destaca o caráter litorâneo dos primórdios de nossa urbanização. De fato, o litoral foi o ponto de partida para ordenar e ocupar esse imenso território, numa estratégia colonial já bastante analisada pela literatura. Agora o tema o litoral volta à cena no livro *Maritimidade nos trópicos – por uma geografia do litoral*, do geógrafo Eustógio Dantas. A palavra maritimidade adquire, na análise do autor, amplitude conceitual, o que nos permite apropriar da narrativa para pensar a maritimidade em outros quadrantes desse imenso litoral de mais 7.000 km. A urbanização é parte do processo, já que temas como o intraurbano, mercado imobiliário, políticas governamentais, infra-estrutura e, sobretudo,



o turismo, são compreendidos de forma sistêmica, de modo a revelar, a partir da síntese que é Fortaleza, as especificidades da geografia do litoral.

O livro está dividido em quatro capítulos. O primeiro, *Práticas marítimas modernas nos trópicos*, realiza uma discussão ampla, buscando os vínculos do tema com as mudanças nas práticas de lazer e também nas práticas terapêuticas ocidentais. Nesse primeiro momento percebemos que a definição de maritimidade construído no final do século XVIII está essencialmente ligada à matriz climatológica. Assim, o leitor é levado a compreender, a partir de Fortaleza, os motivos da valorização dos espaços litorâneos contemporâneos.

O segundo capítulo, *Cidades litorâneas marítimas tropicais*, destaca as mutações das cidades litorâneas no contexto territorial mais amplo. Isso significa, por um lado, avançar na leitura que colocava as cidades litorâneas como “pontos” de um sistema que articulava sertão-litoral-europa. E novamente Fortaleza entra foco, demonstrando como os banhos de mar, a vilegeatura marítima e o turismo influenciaram a organização do espaço intraurbano. A crítica às políticas governamentais e à imagem da cidade turística é um ponto marcante do desvendamento da estratégia que procura encobrir os problemas espaciais dessas cidades, especialmente a segregação urbana.

Políticas de desenvolvimento no nordeste brasileiro, título do capítulo 3, foca a escala nordestina, no primeiro momento, voltando-se para o Ceará, em seguida. Essa é outra característica do livro. O cruzamento das escalas de análise. O primeiro fato que chama atenção é o termo “vocação”. O autor demonstra que a voca o   um discurso construído e como todo discurso metonímico qualifica não apenas os espaços, mas também as pessoas que o ocupam. A muta o das imagens do semi- rido, uma das constru es mais fortes do imaginário brasileiro, com já demonstrou Durval Muniz de Albuquerque, no livro *A inven o do Nordeste e outras artes*, não escapou   aten o do autor. Assim, percebemos que o quadro que se desenha da positividade não   gratuito e dependeu de estratégias governamentais. Os investimentos do PRODETUR para Ceará, por exemplo, perdem apenas para o estado da Bahia. Já os investimentos privados concentram-se em setores da hotelaria, com forte repercussão no mercado imobiliário. E a engenharia se completa, já que os fluxos, como bem indicado nos dados sobre o transporte aéreo, comprovam a eficiência desses investimentos do ponto de vista do



capital. A geografia do litoral, mais do que nunca, articula-se com os grandes centros europeus.

O quarto capítulo, *Tropismo, o mito maior do turismo nos trópicos*, coloca como tema central as políticas de desenvolvimento, focando especificamente o nordeste brasileiro. Aqui não podemos deixar de notar que as políticas acompanharam, também, a narrativa das determinações globais. No local, como bem lembra o autor, ocorre o discurso de desmistificar o semi-árido e no global, a articulação é feita com o turismo e os grandes empreendimentos.

O livro pode ser compreendido como síntese da mariitimidade. É síntese porque Fortaleza é uma das cidades litorâneas nordestinas que mais passaram por transformações nos últimos anos em virtude do turismo. Como síntese, podemos tirar lições e avaliar os caminhos trilhados pela capital do Ceará. É síntese porque, a partir dessa leitura, podemos buscar especificidades de cidades litorâneas localizadas em outros paralelos. Enfim, como alguém que escreve de um espaço outrora adjetivado de sertão, fica certa vontade de pensar uma geografia da continentalidade, utilizando instrumentos teóricos semelhantes àqueles alinhados cuidadosamente pelo geógrafo Eustógio Dantas.

Recebido para publicação em maio de 2009

Aprovado para publicação em abril de 2009